

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 44, abril 2019, Editorial]

A banalização da violência no trabalho perde sua centralidade

A violência só aumenta. E daí? O ódio a alimenta. E daí? A violência é marca da trajetória humana. A história das guerras, desde sempre, é sua prova cabal. E daí? A escravidão é outra prova do quanto pode chegar a violência humana com o sadismo da crueldade. E daí? E daí que as sociedades humanas buscaram, ainda que a passos de tartaruga, soluções para a violência estrutural que as moveu na história. De algum modo porque a violência, mesmo presente, não foi banalizada, não foi incorporada na evolução humana como uma condição imprescindível para o seu aprimoramento. Pelo menos não no discurso que inspirou as mudanças seculares do poder político. E daí que surgiram coisas “estranhas”, como as leis, os tratados, as declarações, os pactos e, enfim, o Estado moderno, o Estado contemporâneo e uma coisa também “muito estranha” chamada Direitos Humanos. Mas, deixa estar que um tipo de violência, a despeito daquelas coisas estranhas, manteve-se até os tempos contemporâneos: a violência no trabalho. E daí? E daí porque foi banalizada e incorporada quase que unanimemente como parte da condição humana. Para esconder a verdadeira face da violência: a morte, a doença, a mutilação, a loucura, o suicídio no trabalho forjaram-se outras coisas estranhas, entre as quais a culpabilização dos trabalhadores por seus sofrimentos e desgraças. E daí? E daí que saiu a ideia, a ideologia, a exploração, a opressão, a subjugação, a humilhação expressa no termo VIOLÊNCIA, e no seu lugar entraram expressões substitutas como acidente, tragédia, acaso, azar, corpo mole, burrice, descuido, imprudência, negligência, imperícia, preguiça, distração, simulação, vagabundagem e um dicionário infinito de palavras para esconder a razão disso: a BANALIZAÇÃO da VIOLÊNCIA no trabalho. E daí? E daí que isso está mudando. Para pior. No caso brasileiro, em que o trabalho está sendo destruído, a banalização da violência estende seus tentáculos para todas as geografias - rios, montanhas, planícies e planaltos -.

E daí? E daí que banalizar a violência passou a ser estratégico, como foi feito com o trabalho para o poder público dependente do capital, durante séculos. Para os fundamentalistas do capital, ultraneoliberais, os caminhos estão se abrindo para o golpe de misericórdia: o fim da classe trabalhadora. E daí? Passo seguinte: destruir com os que defendem a preservação do meio ambiente (“uma teoria conspiratória marxista que quer impedir o avanço do capital”). E daí? Passo seguinte: triturar a ideologia comunista de todas as cabeças. E para isso? O de sempre: tiro e bíblia. Passos seguintes: banalizar a violência para depois combatê-la com muita idade média, muitas armas, pouca imprensa, muitas redes insaciáveis de ódio, Deus acima de todos, e daí? Bem, não há passo final no caminho bestial dos que distorcem o sentimento de justiça, construído a duras penas pela humanidade, para controlar a violência estrutural humana. Mas há um passo quase final: exterminar com todos os que defendem os Direitos Humanos. Talvez esse seja o passo mais difícil a ser alcançado pelas bestas-feras que têm na cabeça essas intenções. E daí? Milton Nascimento e Ruy Guerra fizeram uma música chamada *E daí?* para o filme *A queda* (1976).

Na letra, encontram-se entre alguns de seus versos:

Os meus músculos são poucos

Pra essa rede de intrigas

Meus gritos afro-latidos

Implodem, rasgam, esganam

E nos meus dedos dormidos / A lua das unhas ganem

E daí?

Meu sangue de mangue sujo /

Sobe a custo, a contragosto

E tudo aquilo que fujo / Tirou prêmio, aval e posto

E daí?

Tenho séculos de espera

Nas contas da minha costela

Tenho nos olhos quimeras

Com brilho de trinta velas

E daí?

■ ■ ■